



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

### REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima — *Informações e fragmentos historicos do padre José de Anchieta*, por Pinheiro Chagas.—*Vida intima*, versos, por Eça de Almeida.—*Das pequenas nacionalidades europeas*, (continuação), por Alberto Pimentel.—*Assumptos theatraes*, por L. A. Palmeirim.—*O Joaquim Calafate*, conto, por José Maria da Costa.—*As nossas gravuras*.—*Um conselho por semana*.—*Em familia (Passatempos)*.—*A riv.*—*Lendas Montenegrinas*, por A. C.

GRAVURAS:—*Succi*.—*Guerreiros Afraks*.—*A cigana*.—*Amazona*.—*S. Luiz do Senegal*.

## CHRONICA

Pois é verdade: As noites já são muito maiores!

E folgo muito em registrar no tribunal augusto da imprensa esta difficil concepção, para que os meus parentes e amigos me dispensem de cuvil-a repetir todas as noites!

Para estopada, bastam os artigos munumentaes do sr. Oliveira Martins, que, em duas bellas pennadas, constrange o ventre do Paiz a um supremo esforço, erguendo-o do abatimento em que jazia, victima de uma politica cujas facções se compunham de *mata-mouros* e de *limpa-botas* que de um lado mostravam tudo branco e do outro faziam tudo preto.



SUCCI

O preto era do lado das botas.

E o Paiz regenerou-se, porque, mercê de Deus, cabo-lhe a gloria de se abiscoitar com a prosa do sr. Oliveira Martins, um homem ás direitas, um portuguez leal, um grande pandego!

Para que o centro da civilização se estabeleça definitivamente na margem direita do Tejo, falta somente que appareça o jornal politico do sr. Marcos Maria Fernandes, antigo proprietario de um conhecido armazem não sei de quê, estabelecido ha largo tempo não sei aonde—para evitar *réclame*.

E o importante periodico a que me refiro ha-de crear-se, a não se dar a triste casualidade do seu intelligente fundador fallecer repentinamente com algum ataque de juizo. Tudo é possível!

Entretanto, a camara de Boticas continua a pôr-se em evidencia. Os boticarios, habitantes d'aquellas paragens, ergueram-se todos em massa, e, diga-se a verdade, nunca se viu massada igual.

Isto não evita que a nação caminhe desassombradamente pela virtude fóra, e se prepare para receber correctamente o seu monarcha que, aborrecido das contumelias estrangeiras, regressa extenuado ao reino, d'onde sahira a fugir do sr. Marianno de Carvalho, que é, aliás, uma excellente pessoa.

El-Rei deve-se ter aborrecido. Como se não bastasse o supplicio de lhe impingirem por toda a parte o hymno portuguez, querem agora obrigar-o a casar seu filho, o infante D. Affonso, com varias filhas do principe de Galles e com a mais velha do conde de Flandres.

O senhor infante é que não pode. Nem quer. Tres esposas, vá! Duas sogras, acha muito.

Ainda bem que todas estas noticias nos veem pelo telegrapho, com o carimbo *Havas*. A gente lê, e acrescenta logo:—E' falso.

Pelo menos, assim nos auctorisa a pensar a complicada contradança do Oriente. Aquillo por lá deve têr sido comico, mas não tanto como a telegraphia o tem pintado.

Eu acredito lá que a Sublime Porta se tenha zangado com a Inglaterra! Ou ella me sahio mais Porta do que Sublime.

Creio, sim, que o principe de Oldemburgo tenha resignado a sua candidatura ao throno da Bulgaria. Aquillo não é um throno oriental, é um pagode chinez. O principe não está para scenas, era d'esperar. Entretanto, a noticia é da Havas; deve ser mentira.

De resto, a agencia occupa-se em transmittir-nos telegrammas, onde nos participa que o *Temps* prevê graves complicações no Oriente, que o *Times* affirma que está roto o mundo... Semsaborias!

Bem haja o nobre ministro da fazenda, que, nas horas vagas, descompõe o *Times*. Nunca as mãos lhe dôam, senão quando me quizer bater.

Para conhecimento do que vae por esse mundo fóra—visto que cá por dentro não vae nada—é muito mais proficua a leitura dos jornaes francezes, descontando as *blagues*.

Colhe-se ahi muita materia d'estudo, muita revelação, muita ratices. Uma coisa, por exemplo, me tem agora impressionado devéras: a narração dos crimes estupendos de que Paris está sendo theatro, crimes em que figura sempre um assassino de má casta, levando a cabo uma carnificina de pessimo gosto, mas que conclue quasi sempre por matar-se, o que é de um gosto adoravel.

Não fica a gente em duvida. Não ha receio de que a justiça se venda, nem de que se illuda, deixando em paz o malvado. A guilhotina permanece queda, mas nem por isso o criminoso fica impune. O processo é summario; peor para os escrivães, porque de mais a mais os mortos não pagam custas.

E, enquanto a mim, confesso que, ao vêr no fim da tragedia justicar-se o infame, sinto-me a ponto de lhe chamar heroe. Pelo menos aquillo é um romance acabado. A mortalha que o assassino se veste parece que tambem se estende sobre os cadaveres das victimas. E vejo tudo branco...

Ao terminar a leitura, durmo e não sonho. Satisfaz-me aquelle epilogo. Bem se vê que não sou empregado na Boa Hora.

Em Lisboa ha tambem crimes, ainda que a perversão dos nossos costumes não vá tão longe como a gente diz, quando não tem mais nada que dizer. Ha menos crimes, entre nós. Ha-os, porém, mais hediondos.

Senão, olhem-me aquelle miseravel que assassinou a irmã, que a esfaquea, que a degola, e, sem o minimo pudor, junto d'aquelle cadaver que devia despertar-lhe n'alma o mais profundo dos remorsos, quando mesmo já não lograsse despertar-lhe a mais intima das affeições, junto d'aquelle cadaver cujo sangue gelado é igual ao que lhe afflue no coração, ahi mesmo, o infame, procura attenuar, pelo ciume, o crime que afinal agrava, pelo incesto!

E' menos de que um patife: é uma besta. Nem já merece a forca; exige simplesmente uma carroça!

Fazem favor de me dizer porque vim eu fallar n'este tristissimo caso?

Antes me referisse ao de Passos de Silgueiros, um doido que dá pauladas e tiros na mulher, e que foge em seguida, como qualquer pessoa ajuizada.

Está doido, dizem. Deviam antes dizer: Está bruto.

E em meio de tudo, ia esquecer-me de que, precisamente na semana que passou, chegou até nós a importante noticia de que Tanner, o celebre Tanner, acaba de ser envergonhado por certo Succi, que descobriu a maneira de jejuar eternamente—ou quasi—sem padecer com isso o mais leve incommodo, nem mesmo a fome, que em circumstancias analogas qualquer de nós havia de sentir, pelo menos, até ao terceiro dia.

Porque, ao quarto, imagino—sem o mais leve desejo de experimentar—imagino que teriamos transposto os gelidos humbraes da morte, fazendo justamente os trinta annos da lei. Lei esta que, para fallar com franqueza, julgo anterior á dictadura.

Succi, no vigessimo dia do seu jejum, constando-lhe que o correspondente de qualquer jornal o accusára de uma prostração profunda, telegraphou immediatamente para a localidade, apostando que, no estado em que se achava, ou ainda até ao trigesimo dia, faria a pé uma viagem em que, pelos modos, vem a ser Bargossi como o diabo.

D'onde se conclue que o citado Succi, n'aquella altura da sua abstenção de comestivel, não se sentia fraco, apenas se sentia idiota.

Pois que lhe faça bom proveito, e, se fizer a viagem, que arrebente!

O que elle come de menos foi talvez o que comeram de mais, em quanto a Trindade se conservou fechada, as actrizes Florinda e Josepha de Oliveira.

Porque me consta que reapareceram, no seu dilecto palco, com muito mais carne e muito menos voz do que nas epochas passadas. Tudo por causa da *Princeza das Canarias* que, sendo a peça com que a Trindade abriu, foi quem as poz d'esta vez sob o olhar lisboeta.

Entretanto, estimarei que tenham muita saude. E, meu leitor, meu amigo, debes notar que tenho já fallado muito, que devo estar cansado, que devo estar aborrecido de escrever, quasi tanto como tu de lêr. Ou mais.

E, comtudo, podia ainda dizer-te... Podia, mas não quero. Digo-te apenas que sou um teu creado e que me vou deitar.

Palavra de honra que vou. JOAQUIM LIMA.

## INFORMAÇÕES E FRAGMENTOS HISTÓRICOS

DO

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

O ministro da fazenda do imperio brasileiro, o sr. conselheiro Francisco Belizario Soares de Sousa, deu ordem para que no *Diario Offici* do imperio se publicassem documentos que tivessem valor historico, e resolveu igualmente que esses documentos fossem publicados depois em volumes separados, sendo o primeiro o que tenho agora diante de mim, que devo á amavel obsequiosidade do prefaciador e annotador da obra, e que tem o titulo que serve de epigraphe a este artigo.

Caso raro! haver um governo que se occupe das altas preoccupações do espirito, que attritua um valor qualquer a documentos historicos, e que os mande publicar no proprio *Diario Offici*. N'esse ponto, devemos dizel-o, o Brazil leva-nos uma grande dianteira. O Instituto Historico e Geographico presta á historia brasileira os mais relevantes serviços; no vasto imperio americano ha grande numero de estudiosos que se occupam activamente d'estes assumptos, e que encontram depois no governo toda a protecção e todo o amparo.

Acolhemos com enthusiasmo esta nobre resolução do sr. conselheiro Belizario, e vamos tratar immediatamente do volume que temos diante de nós.

O prefaciador, o sr. João Capistrano de Abreu, prova que as *Informações e os fragmentos historicos* que publica são effectivamente de José de Anchieta. Concordamos sem hesitação. As *Informações*, principalmente, não podem ser de outra pessoa. Narra com mais individuação as scenas a que sabemos que assistio, espraia-se com mais amor na descripção das terras, onde tivera a sua residencia. A cada instante José Anchieta se revela.

As informações são interessantissimas. Partilhamos com o author as amarguras e as anxiedades que o atormentam a elle e aos seus companheiros n'esse primeiro periodo da colonisação. Estão cercados de perigos por todos os lados, longe, bem longe da sua patria, devorados pela nostalgia e pelo desalento. Pode dizer-se affoitamente que foi a Companhia de Jesus quem verdadeiramente fundou o Brazil. Tinham a força que resulta de uma unidade compacta, organizada com o fim expresso de conseguir uma certa e determinada coisa. Aquelles *squatters*, aquelles *pionniers* que Cooper nos desenha com tanta vivacidade, e que foram verdadeiramente os conquistadores para a civilisação da America do Norte, foram no Brazil os jesuitas.

E' necessario que nos costumemos a encarar os homens e as instituições; collocando-nos no ponto de vista da epocha em que floresceram. No seculo XVI, na India e no Brazil, a Companhia de Jesus foi o grande elemento organisador, o verdadeiro instrumento da civilisação e do progresso.

Parecem incompatíveis estas palavras com o jesuitismo, e não o são. O progresso tem em cada periodo um instrumento efficaç, que deixou de o ser no periodo immediato. E logo que deixa de ser arma de progresso, passa a ser arma de retrocesso. A enxada rasgou o seio da terra para lhe introduzir a semente. Se o lavrador não pozer de parte, n'um dado instante, esse instrumento, se persistir em cavar sempre, é claro que estraga a sementeira e annulla a colheita.

No seculo XVI a Companhia de Jesus foi verdadeiramente a fundadora do Brazil. Se não fosse esse punhado de homens absolutamente dedicados a uma idéa, que faziam todos os sacrificios para a realisarem, Portugal teria desistido, de certo, de proseguir na colonisação.

Os donatarios das capitánias, entre os quaes fôra dividido o Brazil, desanimaram logo. O pobre historiador João de Barros perdeu o fructo das suas economias na esquadra que armou para ir tomar posse das terras do norte. Francisco Pereira Coutinho, donatario da Bahia, não conseguiu, em virtude da violenta opposição dos Indios, estabelecer-se na sua capitania, que voltou para a corôa. Martim Alfonso de Sousa, donatario da capitania de S. Vicente, perdeu depressa o enthusiasmo. Demais recebeu o governo da India, que sempre era terra mais fructuosa, e não lhe deu grande cuidado a sua capitania. Duarte Coelho Pereira estabeleceu-se em Pernambuco, é certo, mas praticando taes violencias que de certo levantaria contra si todas as tribus americanas, se não tivesse comsigo aquelle grande elemento pacificador da Companhia de Jesus.

A terra era boa, não havia duvida, mas não era tal em todo o caso que enriquecesse de um momento para o outro os seus conquistadores. A sua população não era uma população civilisada como a dos Azteques do Mexico e a dos Incas do Peru, que já tivesse arrancado da terra o producto das minas, que já o tivesse transformado nas mercadorias que deslumbraram os olhos e despertaram a cubiça dos companheiros de Cortez e dos seguidores de Pizarro.

E' certo, portanto, que as capitánias não seduziram pessoa al-

guma, passado o primeiro momento de enthusiasmo, que logo se dissipou. Umias foram abandonadas, outras mudaram de dono, outras seguiram sem dar grande proveito aos seus possuidores. E' afinal de contas, os grandes elementos que ficaram de pé, e que proseguiram energicamente na obra da colonisação, foram o governo e a Companhia de Jesus.

Que grande interesse tinha o governo em sustentar essa nova colonia? Terras não lhe faltavam, tinha á sua disposição a Africa toda, que n'essa occasião parecia muito mais facilmente colonisavel. E' este um problema que os estudiosos não teem procurado resolver, mas que tem a sua importancia, e no qual derrama luz, para nós insperada, um periodo de uma das informações do padre José de Anchieta.

Pois effectivamente nós temos a costa de Mina e a costa de Guiné, Moçambique e os territorios annexos, tudo o que hoje constitue o sultanato de Zanzibar, e tudo o que hoje forma as potentes colonias inglezas do Cabo, ficam-nos esses territorios no caminho da India, estão-nos patentes e abertos, sem que uma só potencia europeia se lembre de nol-os disputar, seriam utilissimos para o nosso dominio oriental, se os tivéssemos colonisado, e pomol-os completamente de parte para irmos colonisar um paiz que nos fica do outro lado do Oceano, e que n'esse primeiro momento não revelava de certo o que havia de ser depois!

Que a terra era muito pouco attrahente, o proprio José de Anchieta o refere da seguinte forma:

«Os perigos e trabalhos que n'esta se passam pela diversidade dos logares a que acodem, se podem conjecturar, e perigos de cobras de que ha grandissima copia n'esta terra, de diversas especies, que ordinariamente matam com sua peçonha, de que frequentissimamente, quasi por milagre são livrados e alguns mordidos sem perigar; perigos de onças ou tigres, que tambem são muitos pelos desertos e mattos por onde é necessario caminhar; perigos de inimigos de que algumas vezes, por providencia divina, teem escapado; tormentos por mar e naufragio, passagens de rios caudalosos, tudo isto é ordinario; calmas muitas vezes excessivas que parece chegar um homem a ponto de morte, de que vem a passar gravissimas enfermidades; frio, principalmente na capitania de S. Vicente, no campo, onde já por vezes se acharam Indios mortos de frio, e assim acontecia muitas vezes, ao menos ao principio, a maior parte da noite não poder dormir de frio nos mattos por falta de roupas e de fogo porque nem calça nem sapato havia, e assim andavam as pernas queimadas das geadas e chuvas, muitas e mui grossas e continuas, e com isto grandes enchentes de rios e muitas vezes se passam aguas muito frias, por longo espaço pela cinta e ás vezes pelos peitos, e todo o dia com chuva muito grossa e fria, gastando depois grande parte da noite em enxugar a roupa ao fogo, sem haver outra que mudar.»

Não era attrahente, como se vê, a pintura, e n'outros pontos ainda diz elle que a terra era melancholica e preguiçosa, mas ficava n'aquelle mesmo continente onde se tinham descoberto as minas de prata e de oiro do Mexico e de Perú, e sobretudo cubicavam-n'a os Francezes.

Porque é que os Francezes se queriam a todo o custo estabelecer n'aquella região, quando a Europa toda tinha os olhos fitos no Oriente? A informação do padre José de Anchieta esclarece-nos bastante a esse respeito. «Os seus projectos, diz o celebre padre, eram pousar ali e fazerem-se senhores d'aquella terra e esperarem as naus da India na altura do Cabo da Boa Esperança ou da ilha de Santa Helena.»

Effectivamente os navios portuguezes que demandavam a India, ou que voltavam, chegavam-se muito para o lado da America, e foi isso o que facilitou a descoberta do Brazil, e era isso tambem o que fazia com que os Açores fossem porto de escala quasi obrigado para os navios que faziam essa viagem, tanto assim que ali as iam esperar os corsarios estrangeiros, e ali crusava sempre uma esquadra portugueza para os proteger.

Por esta indicação já se póde ver a importancia que teem estas informações, e o muito que temos a esperar da publicação mandada fazer pelo governo brasileiro. O prefacio é excellente e sagaz, porque o sr. Abreu sabe com todo o acerto indicar ao leitor os pontos essenciaes. As notas são boas. Tudo faz presagiar uma excellente serie de estudos historicos.

PINHEIRO CHAGAS.

## NOTA INTIMA

Como a chamma a que falta o combustivel,  
E que vae, pouco a pouco, vacillando  
Até que enfim se apaga,  
Aos golpes d'um martyrio irresistivel,  
Eu sinto a minha vida ir-se acabando  
Nos vaes-vens d'esta vaga.

Se eu tivesse na infancia dos meus dias  
Os afagos da minha santa Mãe,  
D'aquella que amei tanto,

Póde ser que sentisse as alegrias  
Que as Mães sabem causar, e que nos vêm  
Do seu amor tão santo.

Póde ser que aos revezes do destino  
Me não tornasse sceptico, descrente,  
Co'o meu soffrer atroz,  
Se eu tivesse, quando era pequenino,  
Quem me embalasse o berço, docemente,  
Ao som da sua voz.

Mas eu, que tenho visto as illusões  
Desfazerem-se leves como o fumo,  
Penso comigo, e scismo  
Que, aos revezes da sorte, os corações  
São quaes frageis bateis, perdido o rumo,  
Sobre as aguas do abysmo...

Lisboa—1880.

EÇA DE ALMEIDA.

## DAS PEQUENAS NACIONALIDADES EUROPEAS

### Republica de S. Marino

#### VI

Muito intencionalmente reservamos menção especial para Busignano, uma das povoações que constituem a republica de S. Marino.

No mez de fevreiro de 1320, os habitantes de Busignano pediram a S. Marino o direito de cidade, *castellanza*, desejosos de viverem sob a protecção das suas leis. Dava-se a circumstancia de que n'essa occasião a republica do Titan estava em guerra aberta com os bispos; e Busignano declarava-se prompto a combater pela independencia de S. Marino, ao lado dos cidadãos da pequena republica.

Eram então frequentes, tanto no seculo XIV como no seculo XIII, estes pedidos de annexação, mas por parte dos senhores que, violentados as mais das vezes pela força das circumstancias, procuravam d'este modo uma adhesão importante. Mas, pelo que respeita a Busignano, um tal pedido, feito espontaneamente, significava apenas a intuição que levou os povos a procurarem as primeiras uniões humanas, base natural e positiva do pacto social.

A pretensão de Busignano foi attendida pela republica de S. Marino, e ha mais de quinhentos annos que a annexação se realisou, tendo-se sempre mantido a melhor harmonia entre os dois povos unificados sob uma divisa commum.

O direito de cidade, que os marinenses conservam como um dos privilegios soberanos da republica, tem sido concedido como distincção a varios homens illustres, entre os quaes figuram Casanova, Visconti, Melchioro Delfico e Bartholomeo Borghesi.

Melchioro Delfico nasceu no castello de Longano, nos Abruzes, e morreu em 1835. Oriundo de uma familia patricia, teve, victima das suas convicções liberaes, que refugiar-se, como proscripto, em S. Marino, e, para de algum modo affirmar a sua gratidão pela generosa hospitalidade que da republica recebera, escreveu a sua historia baseada nos documentos historicos existentes nos archivos publicos.

A obra de Delfico, que se intitula *Memorie storiche della Republica di San-Marino*, foi publicada pela primeira vez em Milão em 1804. Continuou-a Fabris com relação ao periodo de tempo decorrido desde 1797 até 1840 e foi reeditada, sob esta nova forma, em 1843 (Florença).

E' um trabalho notavel, copioso de noticias interessantissimas.

O conde Bartolomeo Borghesi, celebre numismata e epigraphista, nasceu em Savignano, perto de Rimini, em 1781.

Em 1821 retirou-se para S. Marino, que se tornou a sua patria adoptiva.

Desjardins, escrevendo a respeito do conde Borghesi, que como epigraphista e numismata soubera lér, com prodigiosa sagacidade, as letras mortas das lapides e das moedas, diz que, foi elle um dos homens que terão mais honroso logar na historia intellectual do seculo e do mundo.

O imperador Napoleão III, depois da morte do conde Borghesi, ordenou que as suas obras completas fossem reimpressas á custa do estado.

Borghesi morreu em 1860.

Entre os homens eminentes a quem a republica de S. Marino tem concedido o direito de cidade, devemos mencionar ainda o conde Cibrario, que representou em Italia um papel importante e que tinha uma profunda sympathia pelos habitantes da pequena republica do Titan.

O conde Cibrario nascera em Turim, em 1802, e, depois de

ter cursado as aulas com notavel distincção, affirmou-se poeta pela composição de uma fode, que celebrava o nascimento de Victor Manuel, como se tivera a intuição de que elle seria um dia o fundador da unidade italiana.

Cibrario, feito conde em 1861, escreveu um grande numero de obras; principalmente seduziam o seu espirito as questões historicas e economicas. Citaremos apenas dois dos seus trabalhos: *Historia da monarchia de Saboya* (1840) e *Origem e progresso das instituições da monarchia de Saboya* (1863). N'estas duas obras procurava o conde Cibrario demonstrar que os sentimentos e os propósitos da casa de Saboya eram genuinamente italianos, inspirados no desejo ardente do engrandecimento da patria.

E o caso é que os acontecimentos posteriores deram-lhe razão.

Carlos Alberto enviou-o em julho de 1848 a Veneza para tomar posse d'esta cidade italiana na qualidade de enviado extraordinario do rei.

Como se sabe Carlos Alberto, tendo abdicado, recolheu-se a Portugal, fixando a sua residencia no Porto, primeiro no *hotel do Peixe*, no edificio que mais tarde foi comprado pelo actual conde da Trindade para seu palacio de habitação, e mais tarde em Entre-Quintas na Torre da Marca (hoje Palacio de Crystal).

Pois o senador Cibrario veio por essa occasião a Portugal com o general Cologno, encarregados de entregarem uma mensagem do senado italiano a Carlos Alberto.

Quando o senador Cibrario, depois de se ter desempenhado da sua commissão, partia do Porto, Carlos Alberto abraçou-o com effusão dizendo-lhe: «Lembraí-vós de que sempre vos tenho estimado muito.»

Cidadão de S. Marino, o conde Cibrario aproveitou todas as occasiões de ser agradável á pequena republica, e muito cooperou para a realisação do tratado italo-marinense, de 22 de março de 1862, a que já tivemos occasião de referir-nos.

Os nomes dos *patricios* da republica são escriptos n'um *Livro de Ouro*. Mas ha ainda, como recompensa dos serviços prestados ao estado, á humanidade, ás sciencias, ás letras e ás artes, uma distincção honorifica, a *ordem equestre de S. Marino*, instituida em 1859 pelo grande conselho.

As armas do pequeno estado de S. Marino são tres torres azues sobre outras tantas rochas; tres flammis recurvas saiem das torres coroando-as.

O escudo é encimado por uma corôa fechada, indicando um estado soberano, e rodeado por dois ramos, um de folhas de carvalho, outro de folhas de loureiro.

A divisa é: *Libertas!*

A festa patronal de S. Marino celebra-se a tres de setembro com grande solemnidade.

Esta pequena republica, baluarte da liberdade, como a sua divisa pregôa, tem acompanhado todas as evoluções da vida civil nas sociedades modernas.

Começou por ter um governo patriarchal, sendo apenas bastante para manter a ordem a auctoridade paternal dos chefes de familia.

Depois, com o progresso dos tempos, foi preciso fixar n'uma legislação escripta as regras e principios por que se regiam os habitantes da communa.

Desde quando data esse primeiro estatuto? Ao certo não se pode dizer, mas já no seculo XII S. Marino tinha um corpo de legislação baseado na divisão, posto que imperfeita, dos poderes: o poder executivo e o judicial residiam nos consules; o poder legislativo residia no povo, representado pelos chefes de familia.

A promulgação dos segundos estatutos data do seculo XIV, sob o titulo de *Liber statutorum communis castris Sancti Marini*. Este novo estatuto foi redigido por doze cidadãos dos que mais notavelmente haviam exercido o consulado e outras magistraturas civis importantes.

N'esta reforma o nome de consul é substituido pelo de capitão e defensor, cargo para que só podiam ser eleitos, por pouco tempo e sob a dependencia do grande conselho, os naturaes do paiz.

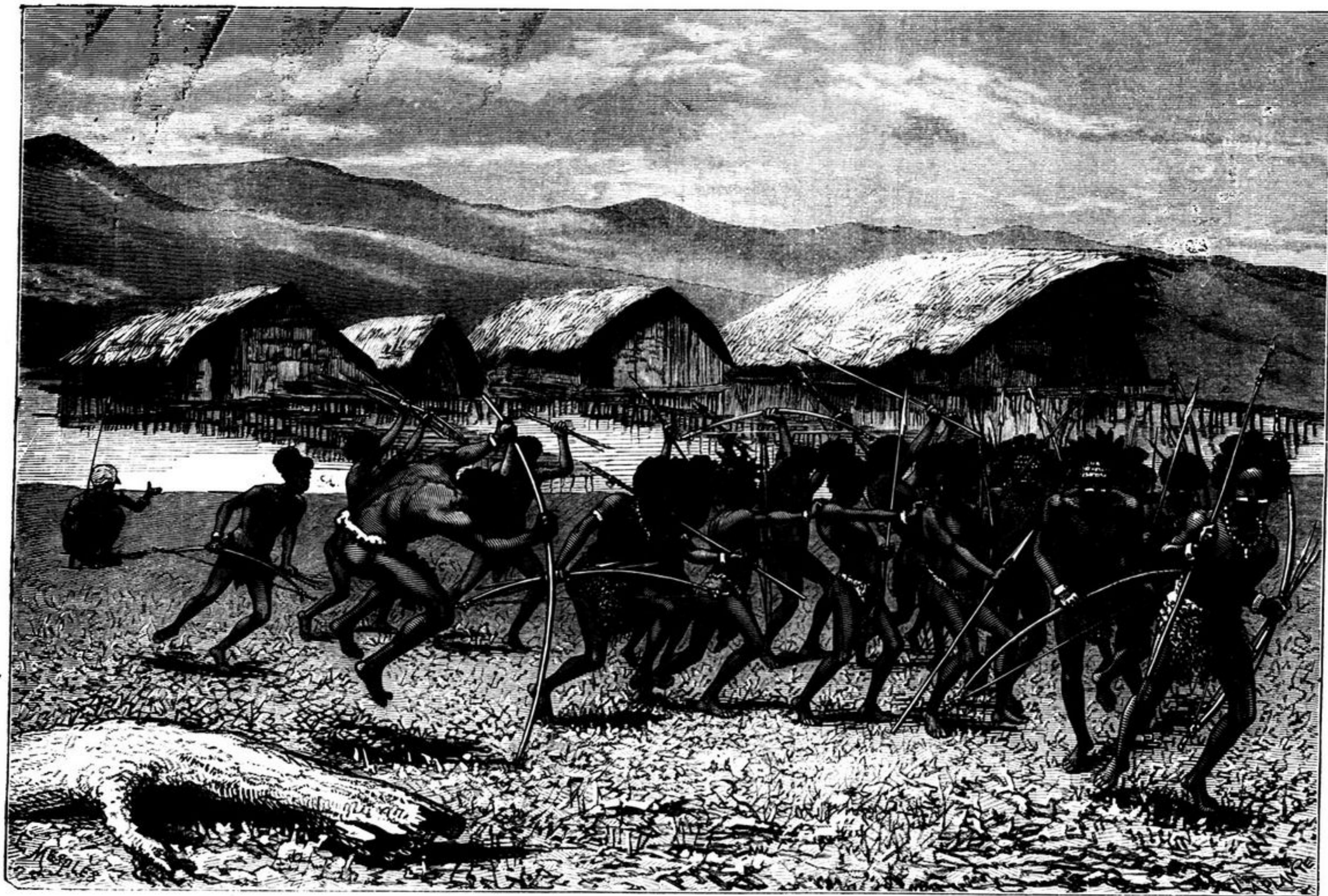
A communa de S. Marino não permaneceu, porém, estacionaria na sua legislação. Em 1353 e 1461 foram novamente revistos, em conformidade com as necessidades do tempo, os estatutos, acautelando-se porém, de um modo cada vez mais previdente, a independencia e integridade do territorio.

Foi agitado, como dissemos, o periodo que medeia entre 1556 e 1599. Tornou-se então preciso dar, provisoriamente, força legal a uma collecção de antigas leis marinenses, que foram compiladas por um jurisconsulto eminente, Camillo Bonelli, e impressas em 1599.

No principio do seculo XVII o grande conselho, em vista da contradicção e confusão que se fazia sentir em algumas leis, julgou opportuno harmonisal-as e interpretal-as por meio de decretos em conformidade com as exigencias do tempo.

Mas, a fim de chegar-se a uma remodelação completa de toda a legislação, nomeou-se em 1621 uma commissão especial que, pela assiduidade do seu trabalho, permittiu que n'esse mesmo anno ficasse effectivamente revista e refundida a constituição da republica.

Originariamente, o poder legislativo residia ua asse



GUERREIROS AFRAS

geral de todo o povo marinense, e dava-se ao exercicio d'este direito popular o nome de *arringa*. Mas o tempo mostrou que estas assembleas legislativas, muito numerosas e quasi sempre discordantes, dificultavam a marcha dos negocios, pelo que se reduziu a representação nacional ao conselho actual composto de sessenta membros.

E' com sentimento, diremos mesmo com saudade, que nos separamos d'este pequeno estado europeu, tão sabiamente administrado, tão forte na sua humildade, tão digno na sua pequenez.

Ao sairmos d'esta microscopica republica saudemos respeitosos a sua divisa:—*Libertas*,—e mais do que a sua divisa, que bem poderia ser letra morta, a veneração, o fanatismo com que essa divisa é traduzida nos factos em todos os actos da administração civil e da vida politica de S. Marino.

Saudemos mais uma vez a formiga que dá lições ás águias.

ALBERTO PIMENTEL.

## ASSUMPTOS THEATRAES

Agora, que estão a findar as ferias theatraes, teem mais do que em outra qualquer occasião cabimento as considerações que vamos fazer, que se prendem com alguns dos graves problemas pendentes e que, descendo dos elevados dominios da arte, vem affectar os interesses dos empresarios, e por tabella a *bolsa dos contribuintes*, isto é, dos espectadores dos theatros de primeira ordem.

Publicam-se em Paris, ha 11 annos consecutivos, os *Annaes de theatro e da musica*, publicação premiada pela academia franceza, e que, como o seu titulo o indica, dá minuciosa conta de todo o movimento theatral da França, recopilando e coordenando a critica da imprensa periodica, e dos jornaes que exclusivamente se occupam de assumptos de theatro.

Cada um dos volumes dos «*Annaes do theatro e da musica*» é precedido de um consciencioso artigo de critica, firmado por escriptores taes como Francisque Sarcy, Zola, Got. H. de Pène, Gounod, e outros. E' d'esta ultima grande auctoridade em assumptos de theatro, que nós vamos extractar algumas das considerações, problemas por enquanto não resolvidos, que affectam a existencia dos theatros na Europa, arriscando os capitães que se empregam em empresas artisticas, e reflectindo-se directamente no publico, que se queixa de quem lhe exige o seu dinheiro, sem levar em linha de conta a existencia atribulada das victimas mais directas das exigencias dos artistas modernos.

Propoz-se o prefacio do ultimo volume dos *Annaes do theatro e da musica*, a examinar alguns dos elementos sobre que assenta o machinismo do theatro, quaes as lacunas que convem preencher, os inconvenientes que cumpre fazer desaparecer, e ainda as reformas a introduzir.

Antes de apontar os inconvenientes de que adoece o theatro moderno, queixa-se Gounod da França se deixar vencer pelo espirito da rotina, acceitando só as novidades que lhe chegam do estrangeiro, isto a proposito de Ricardo Wagner ter tido a idéa de modificar a collocação e disposição das orquestras nos theatros, no proposito de melhorar a audição das operas, e as suas condições musicas.

A iluminação dos theatros é um outro assumpto que occupa a attenção dos maestros, no intuito de tornar a luz mais natural. O systema de iluminação, que os empresarios ainda se não atreveram a introduzir, e que Ricardo Wagner adoptou para a representação das suas obras lyricas, no theatro que elle mandou edificar em Bayreuth, consiste, como é racional, em diminuir o excesso de luz nas salas dos espectaculos, e que offende os olhos dos artistas, em proveito da luz que deve illuminar a scena, a exemplo do que se pratica com a exposição dos dioramas, que illude pela razão da luz ser projectada não sobre os *espectadores*, mas sobre o *espectaculo*.

O critico francez defende calorosamente o systema de iluminação adoptado por Ricardo Wagner no seu theatro, antepondo a razão suprema do *effeito* theatral, ás possiveis reclamações dos que pretendem ser vistos em lugar de desejarem ver, aconselhando a estes que se aproveitem dos entre-actos, deixando durante as representações a meia luz a sala dos espectaculos, meia luz que, no dizer de Gounod, convida ao silencio e ao respeito que se deve ás elevadas concepções do espirito humano, de que a musica é uma das mais elevadas manifestações.

D'estes alvitres, que tocam com a essencia das representações theatraes, passa o auctor a tratar da grave questão dos contractos ou obrigações reciprocas entre os artistas e os empresarios, questão que abrange as escripturas dos primeiros.

O lado melindroso do problema, e cuja solução encontra mais serios obstaculos, é o da conciliação de interesses pessoas opostos. O que se passa entre os artistas e os empresarios, tem

uma grande analogia com o que se dá entre os operarios e os patrões, a menos dependencia possivel d'aquelles e o maximo salario tambem possivel; exigencias que conduzem fatalmente a *ultimatums* inaceitaveis de uma e de outra parte. Se o empresario não deve exigir do artista serviços e dependencia que excedam a remuneração pecuniaria que se lhes dá, não deve tambem, por outro lado, o artista tirar de seu prestimo argumento para uma independencia que entorpeça e paralyse a acção do empresario. Acontece porém muitas vezes que os artistas, conhecendo que são indispensaveis, abusam sem grande escrupulo dos empresarios, creando-lhes difficuldades invenciveis. Este estado de coisas, entrando pelos dominios da moralidade individual, escapa a toda a fiscalisação, e assume as proporções de um problema insolvel.

Quasi no mesmo caso estão as «reservas e as restricções» que os artistas impõem nas suas escripturas, e que transtornam o andamento regular das representações theatraes, taes como as imposições dos artistas de só cantarem em certas e determinadas operas; de sim, ou não executarem uns certos e determinados papeis; de considerarem como propriedade sua, com exclusão dos collegas do mesmo genero, os protogonistas das operas mais em voga: finalmente, o que é o cumulo do egoismo artistico, a exigencia de escolherem os collegas com quem querem cantar, com exclusão de outros de inferior merecimento, exigencia acrescentada com a clausula imposta aos empresarios, de que nenhum outro artista receba honorarios superiores aos seus!

Estas, e outras pretensões do mesmo genero são verdadeiras algemas lançadas aos pulsos dos empresarios, e contra as quaes Gounod se revolta, recordando que Rubizi, Lablache e Levasseur desempenharam papeis que hoje nenhum empresario se atreveria a offerecer aos seus artistas com a mesma qualidade de voz, e de merecimento não superior áquelles affamados cantores, que antepunham aos seus interesses individuaes o respeito pela arte e a consideração pelos seus respectivos empresarios.

O auctor do artigo a que nos temos referido diz estar convencido que não só a arte, como a administração interna dos theatros, perde, em vez de lucrar, com a satisfação dada ás clausulas das escripturas das chamadas *estrellis*, que abusam da sua posição excepcional com sensivel prejuizo para o publico.

Pelo que respeita ás desarasoadas exigencias dos artistas, e que tem ido em progressão ascendente nos ultimos annos, só lhes pode fazer face o augmento tambem progressivo das subvenções, e o da elevação dos preços dos logares.

Não podendo, ou não querendo o Estado subvencionar os theatros, e não podendo um simples empresario harmonisar a receita com as despezas, o unico expediente que resta é o dos artistas se constituirem em «Sociedade» especie de federação baseada na divisão proporcional dos lucros, fundada na qualidade dos serviços prestados pelos societarios, e pelo grau de influencia que cada um d'elles exerce no espirito publico; apesar do inconveniente de pôr uns artistas sempre em evidencia, em quanto que outros, ficando na sombra, nada os estimula a contribuir para o *ensemble* das representações. Além d'esta importante consideração, as «Sociedades» dramaticas teem ainda outro contra, demonstrado pelas duas vezes que os nossos artistas teem adoptado aquella forma d'administração, na apparencia a mais equitativa. O contra a que nos referimos é a repugnancia instinctiva dos societarios do theatro de D. Maria II, a escripturarem outros artistas, com especialidade atrizes, que promettam em um proximo futuro hombrar com as existentes, contribuindo assim para o estacionamento da arte.

E' verdade que a duração das sociedades dramaticas, bem organisadas, dão geralmente um melhor *ensemble*, condição que não é para desprezar nos theatros; mas as péas que prendem os escripturados, e a condição subalterna a que os societarios os condemnam, é toda em prejuizo da arte.

O exemplo da que se passou em tempo no theatro da opera de Paris, e que ainda se passa hoje no theatro francez, não tem tido entre nós a applicação que seria para desejar. Emquanto o theatro francez faz annualmente o seu recrutamento de novos artistas, os societarios do theatro de D. Maria II esquivam-se absolutamente a admittir no seu gremio quem lhes bate á porta pedindo ingresso. Talvez não haja exemplo de dois artistas exclusivamente educados no theatro de D. Maria II.

Todos os outros fizeram a sua lenta aprendizagem em theatros de segunda ordem, no Gymnasio e na Trindade, antes de serem chamados a formar o nucleo actual do nosso primeiro theatro de declamação.

Queixa-se Gounod de que a curiosidade publica exija a continua mutação de espectaculos e de artistas, com prejuizo das verdadeiras obras d'arte, e dos seus verdadeiros interpretes, e lembra a criação de um *museu lyrico*, que seja para as representações theatraes o que o museu do Louvre é para as exposições de pintura, uma permanencia a par de uma successão periodica.

Enumera lucidamente o maestro as vantagens que se podem tirar do *museu lyrico* de que propõe a criação, mas não nos diz o modo pratico de o levar a effeito. A principal vantagem do *museu lyrico* seria a de se prestar ao confronto das obras do presente com as do passado, debaixo do ponto de vista da acção que



A CIGANA

ellas exercem ou exerceram: quer sobre o movimento da arte, quer sobre o da opinião publica.

Adverso ao que parece á moderna escola de Wagner, o maestro francez tira as seguintes conclusões dos principios que estabeleceu, para demonstrar que as artes scenicas, com especialidade a musica, carecem de uma nova e salutar direcção. As proprias palavras de Gounod são estas: «Falla-se sem cessar do progresso da arte? São palavras destituidas de criterio. O artista progride na sua arte, é certo; mas a arte esta é que não progride. A arte não está nas mesmas condições da sciencia, cujo dominio consiste na descoberta successiva e accumulada das leis da natureza. A arte assenta sobre dois elementos sempre e constantemente os mesmos; a saber, o *instincto* ou sensibilidade, sede da emoção e da expressão, e o *saber tecnico*, susceptivel de augmento, e por consequencia susceptivel de progresso no individuo, mas não na arte. É certo que uma mesma epocha pode apresentar a reunião de grandes mestres muito *differentes uns dos outros*, sem que por isso uns sejam *superiores aos outros*.»

As largas considerações de Gounod acerca da arte moderna terminam analysando a influencia da *claque* sobre os artistas e as representações theatraes, a que o auctor chama com razão, pelo menos em principio e em theoria, uma falsificação e uma convenção substituida á espontaneidade do publico.

Referindo-se por ultimo á critica theatral, a que o auctor chama «uma magistratura», accusa-a das suas frequentes divergencias nos julgamentos que faz, e principalmente do tom de infallibilidade dogmatica, e de intolerancia auctoritaria com que são expressos, logo no dia seguinte á execução de uma obra d'arte, sendo impossivel deixar de se errar em taes circumstancias, o que não aconteceria se a critica fosse menos apressada em manifestar as suas opiniões. Para obstar á precipitação dos julgamentos theatraes, lembra Gounod a conveniencia de deixar assistir os jornalistas aos dois ou tres ultimos ensaios das peças, para, assim preparados, poderem com mais conhecimento de causa formar um juizo seguro das obras de que hão de ser julgadores.

O auctor de quem temos acompanhado as sensatas e auctorizadas considerações, acrescenta, acerca da critica theatral, os seguintes commentarios:

«Mas para applicar uma medida d'este genero, era preciso poder contar não só com a competencia e a sinceridade, mas tambem com a paciencia e a consciencia dos criticos bem resolvidos a quererem ter o trabalho de *formar* a sua opinião antes de a *formular* na imprensa. Será isto um simples sonho?... Talvez, mas o progresso não tem sido tautas vezes a historia dos sonhos realisados?..»

L. A. PALMEIRIM.

## O JOAQUIM CALAFATE

Era o Joaquim Calafate dignissimo ornamento de um club operario, sito n'uma das travessas que vão dar á calçada de Sant'Anna, e conhecido legalmente por um d'estes titulos que nada indicam: chamava-se Capricho Artistico. Dava bailes dominicalmente aos socios e tinha, durante a semana, um serviço philarmonico de sól e dó, mui bem montado para espancar o somno dos pacificos moradores de 500 metros em redondo.

As proprias ratazanas da calçada, domesticadas já com aquelle charivari musical, saiam ostensivamente dos seus buracos, com um desdem pela vida, digno do elogio do proprio Darwin.

A ronda civica, symbolisada na imponente figura do guarda nocturno, passava ao longe na embocadura da travessa, como um sol dos polos na linha do horisonte.

A sociedade philarmonica era a preocupação de todas as meninas da calçada de Sant'Anna, do Garcia e travessas e becos adjacentes, mercê dos rapazes que circulavam sob as janellas, n'um passo rapido e narizinho ao vento, em direcção ao Capricho.

Pediam a Santo Antonio, advogado casamenteiro, as tomasse sob a sua guarda, e pediam ao espelho olhares maviosos e posturas impressionistas; aos romances o estylo terno e alambicado; ás pautas calligraphicas o traço *fashionable*. Todos os recursos litterarios postos á prova, na doce esgrima da palavra escripta. Toda a seducção feminina, condensada na habil comprehensão do habito, gosto e character do namorado. Aos domingos, nas quentes noites de verão, era de admirar a labia com que uma transparente Julieta se sustentava toda a noite a dançar, só porque tinha percebido que o seu *elle* era um vaidoso discipulo do Justino. E o pobre operario, ao recolher a casa, finda a soirée, extasiado com as prendas descobertas na sua amada, enlevado no seu *savoir vivre*, julgava ter encontrado uma rapariga expressamente talhada para elle e resolvia transpor a temerosa porta do matrimonio.

\* \* \*  
Crepitava pois, n'aquelle eden philarmonico e terpsichoro, um vulcão em plena actividade, onde se consumiam em egualdade de concorrência, as filias de um cornetim desavergonhado e de um clarinete retrogrado, e as paixões descabelladas, othellicas, de jovens e transparentes namorados, dignos de mais vinho e *beefsteaks* ao jantar.

Enchia os olhos de todos uma bonita rapariga, filha do sapateiro da esquina. Era adoravel, roliça e baixinha, macia e rosada a epiderme como um pecego. Os olhos em amendoa, expressivos, negros, luzentes. Um nadinha de petulancia, d'essa petulancia das gorduchas. Voz meiga e seductora.

Apaixou-se por ella um dos clubistas mais sanguineos, o Joaquim Calafate, assim chamado desde pequeno por ser filho de um calafate, não obstante ser cutileiro. Não havia, na sociedade, mais ardente entusiasta do que elle para todo o genero de empresas. Era a alma do Capricho.

Mas o Joaquim tinha um defeito moral perigosissimo: era terrivelmente ciumento. Ora a pequena era demasiado formosa para que todos a requestassem. Foi só ella apparecer, e logo um cerco se lhe estabeleceu em roda. O Joaquim, violento em excesso e ao mesmo tempo bonito rapaz, conseguiu fazer recuar os seus companheiros, que o sabiam de maus figados e não queriam questões com elle.

A Maria dos Anjos, que assim se chamava a pequena, com a apathia de character propria das mulheres gordas, acceitou facilmente a cõrte ao Joaquim, não parecendo maguada porque os outros cessassem junto d'ella as suas assiduidades.

O homem em amor é egoista, e por isso o Joaquim tomou por uma inclinação em seu favor, o que não passava de um defeito de temperamento, reflectindo-se na orientação moral da sua amada. Além d'isso, como todas as pessoas sanguineas e arrebatadas, não era forte observador e tomava facilmente o effeito pela causa, o que sorria melhor aos seus desejos.

Infelizmente para o cutileiro, não se encerrava o mundo nas salas do Capricho Artistico. A belleza da Maria dos Anjos foi notada e desenvolveu uma epidemia amorosa no sitio.

Ao domingo, quando ha corridas na praça dos touros, passa na calçada de Sant'Anna uma enchente de aficionados. Nenhuma pequena deixa perder tão bella occasião de se mostrar á varanda. A filha do sapateiro mettia, porém, tudo n'um canto, e todos os olhos de vinte annos se fixavam n'ella com uma ardencia apaixonada.

De uma vez, entre a turba, passou um rapaz, official d'encadernador, celebre entre os seus, pelas suas conquistas. Vel-a e desejal-a, foi para elle obra de um pensamento. Atrevido e veterano nas sensações e nos prazeres, munido de uma *toilette* d'espavento—côco alvadio, sapato gaspeado de polimento, fato de cheviote côr de café, largo trancelim d'oiro—, elegante, distincto e bonito, não lhe custou nada fazer-se notado da Maria, que o tomava por um *sportman* indigena... se não fosse a companhia dos amigos que o seguiam.

Pegou o namoro com o encadernador, o qual em breve soube que a Maria ia aos domingos á sociedade philarmonica. Inscreveu-se socio para poder estar junto d'ella e apertar-lhe os deliciosos dedinhos rechonchudos, de uma adoravel pequenez.

Ardente tambem, mas d'um temperamento bilioso e portanto mais concentrado, calculista e observador, o novo namorado houve-se com tal arte que se insinuou completamente no animo da joven, ganhando demasiado terreno sobre o cutileiro. Perito, experimentado, tinha notado a essencia do character da joven: iria para onde mais a disputassem. Decidiu-se, portanto, a ter com ella audacias que longe de a susceptibilisarem, o que succederia se ella fosse nervosa, a sacudiram do seu turpor natural, enchendo-a de uma salutar admiração por aquelle rapaz tão ousado quanto formoso. E todos nós sabemos a poderosa influencia que tem sobre uma joven a audacia d'um rapaz delicado e mundano.

O endiabrado encadernador manejou com tal sabedoria o seu plano de campanha, que uma bella noite, a pequena fugiu da casa paterna com elle.

Comprehenderam então, bem tarde, os paes, quanto tinham ganho em consentir a pequena em sociedades philarmonicas e bailes.

No Capricho, ficaram todos com a cara a uma banda e especialmente o Joaquim. Lido em Ponson du Terrail e em E. Sue, poz-se em campo á procura do seu rival, para o «coser a facadas» dizia elle.

O encadernador, porém, havia desaparecido com o seu anjo... Nem mesmo na officina sabiam d'elle. Era tactica antiga para desnortear os interessados que o procurassem.

«O amor proprio offendido jamais perdoa,» e o Joaquim tinha ficado *achalado*, segundo a sua phrase typica. Recorreu a um expediente extraordinariamente engenhoso para um simples cutileiro. Os *noivos*, no seu retiro encantado, deviam ler os jornaes, não só para matar o tempo mas para saber se a policia lhes andava no encalço. O Joaquim fez um annuncio no diario de maior circulação em Lisboa, figurando os paes da joven. Pediam-lhe



que voltasse para casa, que lhe perdoavam, ou que mandasse dizer o seu paradeiro para a irem visitar e levar-lhe alguns recursos, etc, etc.

E o Joaquim, seguro do efeito, foi disfarçadamente sentar-se na tenda do sapateiro, no dia da publicação, a conversar com o pobre homem, que o estimava, por ver o interesse que tomava nos seus desgostos.

Ao meio dia, um bronco cidadão de Toy transpunha o limiar da tenda do sapateiro, e sacando uma carta, exclamava.

—Deus xéja n'exta casa.

—Amen! respondeu logo o Joaquim, devorando o envelope com os olhos.

O gallego olhou de soslaio para o mancebo e estendeu a carta ao velho.

—Baia, b'ja boximixê se exta carta é para xi.

O sapateiro tomou a carta, leu o sobrescripto e respondeu com um rugido.

—Quem lhe deu isto?

O gallego surprehendido e lançando um olhar de entendedor para a porta da rua, retrucou:

—Baia, hombre! Non bale xangar!

E ia carregando sempre para a porta.

Então o Joaquim interveio.

—Este pobre homem não tem culpa; disse leia, porém, você a carta; sempre é bom.

E o cutileiro, tendo-se rapidamente collocado entre a porta da rua e o gallego, impedia-o de sair.

A este tempo acudiu a mulher do sapateiro. Apenas este abriu a carta e logo ás primeiras linhas leu o classico: «Meu querido pae,» o cutileiro debandou e agarrando o moço na rua, metteu-lhe algumas pratas na mão, indagando d'elle a morada dos dois pombinhos com todas as indicações precisas.

\*  
\* \* \*

Pelas 8 horas da noite d'esse mesmo dia, na rua do Sol á Graça, n'um alegre rez-de-chaussée, pobre mas asseado, furtavam-se reciprocos beijos os dois jovens anantes Maria dos Anjos e o encadernador, esperando ambos, attentos ao menor rumor na rua, visto que o sapateiro e a mulher, humanizando-se, haviam mandado participar á filha que iriam a casa d'ella á noite.

Os dois jovens exultavam. Iam ser perdoados e ajustar com os paes o seu proximo casamento. No entanto a Maria, timida e desconfiada como verdadeira filha d'Eva, não se tinha que não murmurasse:

—Estou com medo.

—De que? respondeu o rapaz, passando-lhe serenamente o braço em volta da cintura delicada. Ora verás. Assim que eu falar em casamento, todos desatam a chorar de alegria. E' o costume...

—Como? E' o costume? E como sabes tu isso?...

—Ora!... Tenho lido... nos romances...

—Grande brejeiro...

E resoavam os beijos, cada vez mais sonoros, que era mesmo um encanto.

Subito, ouviu-se distinctamente uns toques discretos na porta da rua.

—Eil-os ahil exclamou o encadernador, levantando-se.

E pegando no candieiro de petroleo, accrescentou, para a rapariga:

—O bater é de mulher. Não é senão tua mãe.

Em seguida avançou para porta do corredor, que precedia a da rua; abriu-a e dando alguns passos alcançou a outra porta que abriu de par em par, com o seu melhor sorriso nos labios.

No mesmo momento um grito horrivel escapou da garganta do encadernador. O candieiro rolou no chão, lançando tudo na escuridade, e dois homens, saltando como dois tigres para o interior da casa e apalpando na sombra, agarraram Maria dos Anjos, muda pelo assombro, e arrastaram-na para a rua, desaparecendo com ella a correr e atirando-a para dentro de uma carruagem parada a distancia e que bateu em seguida.

Tudo isto foi feito com a rapidez do relampago.

Ao grito soltado pelo encadernador, pondo em alarma toda a vizinhança, e ás labaredas que saiam pela porta da rua, correram os vizinhos. Um espectáculo espantoso se lhes deparou.

No corredor, entre a porta da rua e a da casa, estava estendido o infeliz encadernador, estorcendo-se nas agonias da morte, com uma navalha enterrada até ao cabo na garganta. Todo elle era uma labareda, proveniente do candieiro de petroleo que se incendiara ao cair-lhe da mão. Não havia salv-o.

O rapto da Maria dos Anjos havia sido feito com tal limpeza que os vizinhos saltaram pela janella para dentro de casa, onde não tinha ainda comunicado o fogo, na idéa de a salvar.

Pouco tempo depois chegavam os paes de Maria, contentes, esperançosos, pensando em abraçar a filha, e só encontravam o cadaver do desgraçado amante.

Havia sido tremenda a vingança do Joaquim Calafate.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

SUCCI

Succi, o extraordinario personagem milanez, rival do celebre doutor Tanner, devia ter acabado na sexta feira, em Milão, o periodo de jejum, de 30 dias, que a si mesmo se impoz, para provar aos homens de sciencia, boquiabertos, que é possivel viver-se sem comer.

Succi iniciou o seu jejum em 18 d'agosto, sob a vigilancia constante d'um *comité* de quarenta membros, composto de medicos, professores e jornalistas. Antes de se submeter áquella dura prova, assignou a declaração seguinte:

«Submetto-me á vigilancia continua do *comité*, para provar que sustentarei um jejum rigoroso de 30 dias, tendo principio em 18 d'agosto, á meia noite, e finalizando em 17 de setembro, ás dez horas da manhã. Durante este tempo, só farei uso de substancias não alimenticias, taes como agua simples, agua purgativa de Hunyadi-Janos e uma poção emetica. Os medicamentos que tomar, serão receitados pelo facultativo do *comité*.

Sujeitar-me-hei a todas as observações e experiencias que os medicos reputem necessarias.

No começo do jejum poderei fazer uso do licor por mim preparado, e do qual guardo o segredo, e mais tarde, de uma outra composição, bebendo 60 grammas de cada liquido, por uma só vez.

Authoriso a analyse chimica d'esta segunda mistura.»

Assentou-se que dois membros do *comité* se reveariam de duas em duas horas, sem nunca o perderem de vista, e que todas as noites, ás 9 horas, os medicos procederiam a observações munuciosas sobre o paciente.

Tudo isto foi cumprido a risca.

Segundo as noticias até hoje recebidas, Succi conserva plena lucidez de espirito e grande agilidade de movimentos. Está apenas muito mais magro do que era.

Ficará d'esta vez resolvido o problema de viver sem alimento?

Teriam tudo a ganhar com isso os nossos amanuenses e os miseros professores de instrucção primaria.

GUERREIROS AFRAKS

A nossa gravura representa um bando de guerreiros da Papuaia, pertencentes ás tribus Afraks.

A estatura d'estes Papus é avantajada e os seus membros musculosos. Teem a pelle mais negra que os Papus Mafors e o rosto mais oval. Quasi todos elles perfuram a cartilagem que separa as narinas, para ali introduzirem um osso. O seu penteado, como se vê da estampa, é estravagantissimo; os cabellos são divididos em novellos, e amarrados na raiz com uma corda. O numero dos novellos varia de um a vinte, e mais talvez.

O seu traje é simplissimo: uma tanga e alguns enfeites de conchas e de missangas.

Felizmente para os viajantes, os guerreiros Afraks não usam ainda armas de fogo; estão reduzidos ao arco e á lança, armas sem duvida perigosas em mãos habeis, mas impotentes diante d'uma espingarda de tiro rapido. Os seus arcos, de bambu ou de pau muito flexivel, são enormes; a corda é de rotina. As flechas de combate teem quasi a altura de um homem; são feitas de bambu, com ponta de pau ou de osso, dentada, e quasi sempre ornadas com altos relevos figurando arabescos e mesmo figuras humanas.

As suas lanças são compridas; algumas teem ponta de ferro.

O seu armamento completa-se com a *péda*, sabre-machado, que geralmente os malaios importam como objecto de troca. A *péda* serve-lhes para decepar cabeças humanas, para cortar troncos de arvores, e até para cortar as unhas e fazer a barba.

Os guerreiros das tribus Afraks são uns terriveis decepadores de cabeças. Só o seu nome enche de terror os mais animosos malaios.

A CIGANA

Extraordinaria raça!...

Forte, dotada de arcabouços amplos, de musculatura rija, de sangue de fogo e de pelle de aço, como os velhos Titans mythologicos, que tiveram um dia o insolente capricho de esbofetear o céu... n'uma metaphora de pedra e cal.

Pueril, esquiva, supersticiosa, ignorante, como a recém-nascida das civilisações!...

Extraordinaria raça!...

«Extraordinaria e feliz», pensa-se, instinctivamente, ao vel-os chegar, de longe, estreitamente unidos, formando uma só familia, para não dizer uma *dynastia*, viajando juntos, como as andorinhas, amando-se, com o doido exclusivismo que antecipa os go-



AMAZONA

sos celestiaes, no desdem absoluto de todas as leis divinas e humanas, de todas as theocracias e autoeracias, cantando, sonhando talvez, e lendo nos astros, nas plantas, nas lihas que se cruzam na palma da mão, a palavra mysteriosa do destino...

E todavia, sobre essa raça vigorosa e robusta, sobre essa tribo independente e altiva, que é como que um desafio atirado ao nosso organismo depauperado, á nossa civilização submettida á tyrannia do preconceito, pesa uma melancholia, perfeitamente typica, que não se parece com o tedio moderno, inseparavel das peccadoras cobertas de diamantes e dos dandys gafos de dividas.

Será, á semelhança do que succede aos israelitas e aos polacos, a nostalgia do berço?

Devoral-os-hão, instinctivamente, as saudades da patria, debuxando-lhe, em paineis invisiveis, os palmares, os templos de Brahma, a floresta sagrada, a mogreira florida, o Ganges, desdobrando-se magestoso, todos os esplendores d'essa querida India, de que foram expulsos?...

Recordar-se-hão, herdando de paes para filhos as tradições adstrictas á sua casta, da Ethiopia, do Egypto, d'onde trouxeram o nome de *ganqui*, correspondente ao de uma provincia ethiopica, convertido, mais tarde, pelos inglezes, no de *gypsies*?...

Serão ainda essas visões retrospectivas que absorvem, communicando-lhe uma tristeza insondavel, o olhar da formosa cigana, objecto especial do nosso artigo?...

Quem pode arrancar o segredo que se occulta no fundo d'esses grandes olhos negros, velludosos, illuminados de um fogo estranho, em torno dos quaes brincam, como uma florescencia dos tropicos, os cabellos escuros, crespos, torcidos em espiras, que se lhe desenrolam nos hombros?...

Se é verdade, como disse um poeta, que o coração da mulher é um abysmo, no fundo do qual existe um perdão, resta saber o que existirá no intimo do coração de uma leitora da *buena-dicha*...

#### AMAZONA

Chegou talvez agora de uma correria doida, vertiginosa, sobre o seu alasão, como as da Margarida Laroque, de Octavio Feuillet.

Foi porventura seu companheiro de passeio um *sportman* gentil, faces pennujentas, olhos languidos e ardentes, um adolescente do *Turf*.

Disseram, pelo caminho, coisas maviosas, cortadas, a cada momento, pelos upas dos corceis impacientes e fogosos.

E a amazona romantica, ao recolher a casa, chapéo de plumas n'uma das mãos, chicote na outra, lembra-se ainda, com uma doce saudade indefinida, do delicioso encanto d'aquella tarde...

#### S LUIZ DO SENEGAL

A cidade de S. Luiz, capital do Senegal, deve a sua fundação a varias companhias privilegiadas que se succederam desde 1626 até 1785, e que fizeram esforços consideraveis para desenvolver o commercio interior e exterior d'aquelle territorio. Successivamente construíram o forte de S. José em Makana, o forte de S. Pedro em Faleiné; alcançaram Portendick e apoderaram-se d'Arguim.

Servio de nucleo á cidade o antigo forte de S. Luiz, situado na ilha d'este nome, hoje cazerna e armazem. As ruas da cidade, que fôram feitas bem alinhadas e seguindo, tanto quanto possivel, as margens do rio, tinham um nivel tão baixo, que ficavam submersas no tempo das inundações.

Ha alguns annos para cá teem-se feito grandes melhoramentos em S. Luiz: construíram-se caes e levantou-se o nivel das ruas.

Vastos armazens, repletos de mercadorias, ergueram-se sobre os caes, e os navios, ancorados em frente dos armazens, podem carregar e descarregar facilmente.

Ha duas pontes que estabelecem communicação entre S. Luiz e as terras mais proximas: uma d'ellas é fixa, e a outra construída de barcos.

A França occupou S. Luiz em 1637. Desde então, este porto tonnou-se a chave das possessões francezas na costa occidental da Africa.

#### UM CONSELHO POR SEMANA

Ha certos estofos sobre os quaes as nodoas de lama não desaparecem facilmente. Se a simples lavagem não basta, bata-se uma gema d'ovo em agua tépida, e humedeça-se com esta mistura a parte manchada, passando-lhe depois uma escova por cima.

Pod3-se tambem fazer desaparecer as nodoas, applicando um pouco de cremor de tartaro em pó sobre o estofa previamente humedecido com agua, e escovando este, depois.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### Charadas

NOVISSIMAS

E' homem, cobra e lagôa—1—2.  
Este fructo na musica é ave—2—1.

A. DE SOUSA FRANCO.

Nas paredes este inconstante é triste—1—3.  
Este numero e este instrumento formam uma rede—1—2.  
Suspende este pronome este animal—1—1.  
Aqui, esta nota forma uma medida—1—1.

ANTONIO DE SOUSA BENTO.

Este instrumento e esta medida formam um homem—1—1.

MARIO RACCIOTTI.

EM VERSO

(Retribuição ao distincto charadista A. Amor de Mello)

Por sobre uma alterosa e elevada montanha  
Andava um lavrador, que a sua herdade amanha,  
Buscando adubo proprio e bom para deitar—2  
Nas terras que elle só queria cultivar.  
Tão occupado estava o homem c'o esta empreza,  
Que nem sentiu chegar, vestida á camponeza,  
Uma linda mulher, uma mulher ideal.—2  
Que, ao vel-o, caminhou com passo desigual  
P'ra o pé d'onde se achava o rude camponez.  
Parou bem perto d'elle. E então mais d'uma vez  
Par'ceu arrepende-se e q'rer fugir d'ali.  
Porém não fez assim, porque eu ainda a vi  
Approximar-se mais e c'os roliços braços  
Prender o camponez em comprimidos laços.

Depois ouvi dizer:—«Eu era baroneza,  
Mas hoje renunciei todo o fausto e grandeza  
Só p'ra te amar a ti com alma e com ardor!...  
Seremos um do outro; e assim, o nosso amor  
Será tambem feliz, amando-nos sem medo.  
Mas deixa que te ponha aqui sobre este dedo  
Uma recordação da minha santa mãe,  
Que eu sempre muito amei e tu amarás tambem».—  
Fizendo isto, pegou na mão do camponez  
E com modesto orgulho e sublime altivez  
Poz-lhe no dedo um anel, a joia valiosa  
Que tinha encrustada a pedra preciosa.

Castello Branco.

A. MERUJE.

Premio:—Um dictionario da Lingua Portugueza, da «Bibliotheca do Povo e das Escolas», ao primeiro que me enviar a decifração

Vês n'esta primeira  
um fructo indiano;  
tambem póde ser  
fructo americano.—2

Cá, em Portugal,  
me vens encontrar—2  
e lá no Brazil  
esta arv're has de achar.

Trancoso.

ANTONIO BENTES D'OLIVEIRA.

Quando vejo, lá na Asia,  
Um bem perfeito animal,—2  
Transformo-o instantaneamente  
Em um nome racional!—2

Poeticamente fallando,  
N'estas quadras mui singelas,  
Quem ás musas se refere,  
Anda em graça co'as donzellas.

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

**Logogriphe**

Sobre o palacio d'um rei—5—2—3—4—6  
 Todo coberto c'o a planta,—1—2—5—6  
 Caminha o bello Atalanta,—3—4—5—6  
 Essa mulher que eu amei.—4—5—4—6

Porém um dia, os tyrannos  
 Roubaram-me a minha amada,  
 Que ficou sendo chamada  
 A era dos musulmanos.

Castello Branco.

A. MERUJE.

**Problema**

Quantos annos tem um individuo, cuja idade é igual ao numero formado pelos dois primeiros algarismos da direita, do anno em que nasceu?

MORAES D'ALMEIDA.

**Enigma**

(SALTO DE CAVALLO)

a	re	rai	a	d'u	ben	é	im
va,	ti	el	ce	de	pul	ma	do
le:	nos	e	fe	te	a	ro	so
ra	bo	e	fi	mei	ta	mos	mu
dos	ca	mo	ma	com	lher,	pri	da
ce	u	des	mos	so	mem,	pai	la.
go	ma	ber	(1) Ao	ner.	d'el	d'um	o
mos	re	lo	ar	ho	nos	Ja	xão

Começa na casa n.º 1.

Porto.

M. M. & M.

**Decifrações**

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Violador—Pangaio—Provisão—Lirico—Themudo—Salino—Siba—Canario—Dormedario.

DA CHARADA EM QUADRO:—a d e m  
 d o m o  
 e m i r  
 m o r a

DA CHARADA EM VERSO:—Oéta.  
 DO LOGOGRIPO:—Aristodemocracia.  
 DO PROBLEMA:—16 annos.

**A RIR**

Calino faz uma visita de pezames a um amigo que acaba de perder a sua segunda mulher.

—E' triste, gemeu o viuvo, ficar assim sósinho, com duas creanças nos braços...  
 —Tens dois filhos?  
 —Tenho: um de cada matrimonio.  
 —Ahi E de qual dos matrimonios é o mais velho?

\*

Certo cura, tendo baptisado o filho de um de seus parochianos, exigiu que, com os emolumentos do baptismo, lhe fossem pagos os de obito.  
 Alguem estranhou-lhe a exigencia.  
 —Procedo assim, redarguiu elle, enfurecido, porque, quando estes patifes crescem, vão sempre morrer em outra parte.

\*

—Que faz o senhor, perguntaram a um caloteiro, quando lhe apresentam uma ordem á vista?  
 —Fecho os olhos.

**LENDAS MONTENEGRINAS**

**A genesis da pulga**

Noé, tendo recebido ordem de construir uma arca e de encerrar n'ella um casal de animaes de cada especie, obedeceu, não se esquecendo de introduzir ali duas serpentes.

Depois de uma longa navegação, appareceu a terra, a arca tocou n'um rochedo á flôr d'agua, e fez um rombo. Noé não tinha meio algum de tapar aquella abertura, e a serpente prometteu fazel-o com a condição de chupar o sangue do primeiro ser humano que sahisse da arca.

Assim se pactuou, e a serpente, enrolando-se, tapou o buraco. Tendo-se retirado as aguas da terra, Noé abriu aos seus hospedes a porta da casa fluctuante. A serpente dirigiu-se logo para a porta, deu um salto, e atirou-se ao primeiro filho de Noé que tinha saltado em terra.

N'este momento Noé, esquecendo a promessa que fizera, desembainhou o sabre e cortou ao meio o audacioso animal.

O sangue da serpente jorrou sobre toda a familia do patriarcha, transformando-se n'uma infinidade de animaes minusculos, os quaes, desde essa epoca, devoram a humanidade.

Tal é a genesis da pulga.

**Allah e as tres religiões**

Curioso de ver o que se passava entre os seus differentes adoradores da terra, Allah abriu um dia uma janella do seu kioske mais alto, e procurou observar d'ali o que faziam os homens reunidos em oração.

O seu grão vizir, de pé, deante d'elle, e com mãos cruzadas sobre o peito, mostrou-lhe primeiramente, n'uma grande sala mais comprida do que larga, e ornada de tribunas lateraes, uma aglomeração de homens de pé, com um veu espesso cobrindo-lhes a cabeça e os hombros, e executando, com voz fanhosa, um canto que liam n'um livro enrolado em duas varinhas.

D'istante a instante essa assembléa agitava-se, dançava e tocava em chifres com muita força.

—Que gente é esta?

—Judeus.

—Que fazem?

—Adoram-vos.

—Esta adoração, cujo encanto deriva todo das narinas pouco harmoniosas e de saltos de cabra, não me agrada.

Um pouco mais longe, Allah viu um grande edificio encimado por uma enorme torre ponteaguda, na qual numerosos circumstantes de ambos os sexos seguiam, umas vezes de pé, outras sentados ou de joelhos, os movimentos de um personagem collocado deante de uma grande mesa ornada de luzes, flores e emblemas diversos.

—E que gente é aquella?

—Christãos, que tambem vos adoram.

—E o que dizem?

—Dizem que vós sois vosso filho, e que vosso filho é vosso pae.

—Não comprehendo.

Em fim, no meio de uma cidade de casas brancas, Allah notou uma enorme construcção quasi quadrada, e encimada por uma grande cupula, e ladeada de torres altas, terminadas por crescentes.

No edificio, ornado simplesmente de esteiras e tapetes, muitos homens descalços voltavam o rosto para o Oriente. Com as mãos cruzadas sobre o peito, conservavam-se de pé; depois, estendendo os braços a todo o comprimento do corpo, ajoelhavam; e por fim prostravam-se com a cara no chão, ficando algum tempo n'essa attitude.

—E estes homens?

—São musulmanos.

—Adoram-me tambem?

—Sim, Allah!

—Desculpo todos os outros, mas não admitto este modo de me adorarem escondendo o rosto no chão e voltando para o ceu uma parte do corpo que não creei para tal uso.

rafa, e ambos foram deitar-se, depois da consorte haver prometido que não a abriria.

De manhã, quando o marido sahio, a primeira cousa que a mulher fez foi pegar na garrafa, raciocinando d'esta forma:

—Não faz mal nenhum examinal-a... Espera! tem uma rolha de madeira presa por uma corréa de couro: não está fechada com solidez. Nada arrisco em tiral-a; meu marido quiz zombar de mim; não saberá que a abro!

Dito e feito.

Sahiu um grande fumo da garrafa, condensou-se e desenhou contornos que mostraram o diabo aos olhos estupefactos da mulher.

O arrependimento seguiu a apparição.

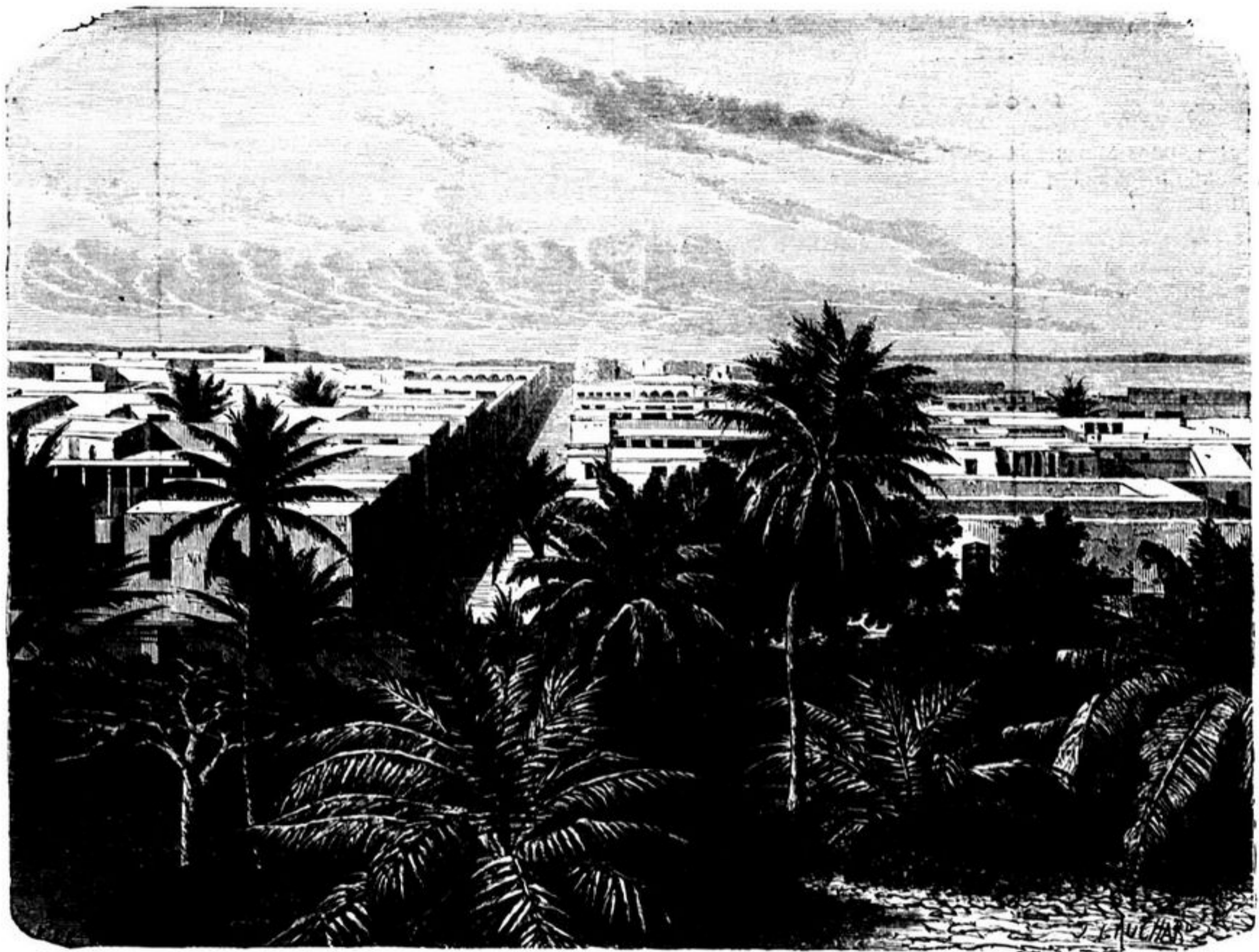
—Obrigado, mulher; és tu ainda que me prestas mais este serviço.

A mulher, pouco satisfeita com o agradecimento, só pensou na sua infidelidade.

—Estavas n'esta garrafa disfarçado em fumo?

—Estava, sim, respondeu o diabo.

—Isso é que não, replicou a mulher.



S. LUIZ DO SENEGAL

### A finura da mulher

Certo pescador entrou uma noite em casa, depois de haver pescado no lago todo o dia sem apanhar um unico peixe. Lançara as redes por toda a parte, conseguindo unicamente recolher duas garrafas de madeira, chatas e redondas.

Uma curiosidade instinctiva fel-o desrolhar uma das garrafas, da qual saiu immediatamente muito fumo, que se condensou, desenhando contornos.

Na escuridão, o pescador não pôde distinguir forma alguma, mas uma voz gritou-lhe: — «Não abras a outra, toma cuidado, olha que tem o diabo dentro; eu sou sua mulher, e fomos encerrados n'estes recipientes para expiarmos uma falta».

O pescador deplorou a sua curiosidade, mas consolou-se, pensando que tinha na outra garrafa um meio de se certificar da fidelidade de sua mulher.

Entrando em casa foi mal recebido pela companheira, por não lhe levar peixe algum.

A mulher perguntou-lhe immediatamente o que tinha a gar-

—Como as mulheres são teimosas!  
—Não sou teimosa, mas não posso acreditar impossiveis.  
—Não viste sahir o fumo da garrafa?  
—Vi.  
—Pois bem. Eetava no fumo.  
—Tu estavas mas era escondido por detraz do fumo e entraste pela chaminé.

—Não entrei, não.

—Entraste, sim!

—Teimosas! acredita-me.

—Não acredito.

—Pois bem! Vê.

A pouco e pouco a forma do diabo desapareceu, o fumo augmentou e entrou todo na garrafa, e a mulher, muito contente por ter enganado o diabo, pegou na rolha e fechou-a hermeticamente.

Esta lenda tem por titulo:

«A mulher é sempre a mais fina»

TRAD. DE

A. C.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica